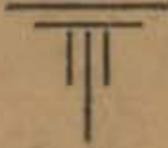


PP 24388 V.

ABRIL DE 1914

N.º 5—60 réis



AQUI D'EL-REI!...

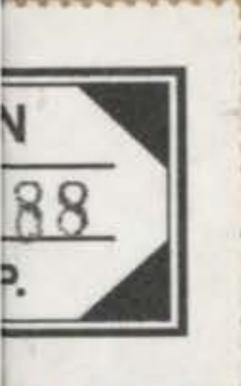
SUMARIO:

O comicio católico de Coimbra. — A questão da igreja d'Almedina. — A cana-
lhocracia dominante insulta e agride senhoras. — O ex-conselheiro
Bernardino e a carbonaria. — Todos de acordo. — Onde está um cató-
lico está um monárquico. — Uma verdade que se demonstra — A mira-
gem d'um governo conservador dentro da Republica. — A historia dos
sinos de Suresnes. — Sua relação com o caso de Coimbra. — O conflito
do Ginasio. — Todos concordam: — Bernardino, António Zé e Machado
Santos. — A cadela que morde e mata. — A questão interna e a ques-
tão externa. — Sem ordem e sem colonias. — O que se diz na França
— As sessões do Congresso. — *Apache e souteneur!*..... — A Repu-
blica faliu.

AUTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

João de Amaral

***** DEPOSITARIOS *****
***** ALMEIDA & MIRANDA *****
***** COMP. E IMP. *****
Rua dos Poyaes de S. Bento, 135
***** LISBOA *****



2 de Abril:

Subitamente avisado de que n'um dos ultimos domingos, 15 de Março passado, deveria realizar-se em Coimbra um comicio de protesto por parte dos católicos contra a secularisação da egreja de S. João d'Almedina e sua adaptação a Museu d'Arte Sacra, — o autor d'estas linhas deslocou-se até lá para, *de visu*, apreciar os termos da questão, a attitude dos católicos em face da prepotencia democratica e mais de proximo estudar a vida politica do burgo amoravel onde todos deixámos prendidos os melhores momentos da nossa mocidade.

Pretendiam os livre pensadores de Coimbra, mascarados de esthetas para mais galhardamente anavaharem os sentimentos dos católicos, anexar a egreja de S. João d'Almedina, casarão oitocentista sem beleza architétonica, ao Museu Machado de Castro; e fundamentavam a pretensão alegando a falta de segurança em que se encontravam as alfaias e objectos d'arte sacra instalados na Sé Velha. Já o governo lhes conce-



dêra licença prá secularisação do templo, passado que fosse um praso de seis ou oito dias e lhes arbitrâra um subsidio de sete contos p'ras necessidades da instalação.

Entretanto, os catolicos faziam encher com milhares d'assinaturas uma mensagem ao governo onde se esclarecia o problema, e outrosim promoviam um comicio de protesto no qual haveria de debater-se este caso bicudo e, porventura, outros de carater religioso.

Assim provar-se-ia. — 1.º que o governo não podia aceder sem mais nem mais ás exigencias dos demagogos mascarados de esthetas, pela simplissima razão de que a egreja d'Almedina não era pertença do Estado mas sim d'uma irmandade cujo nome me não ocorre; e 2.º que, embora fosse verdadeira, que não era, a alegada insuficiencia da sala onde está agora instalado o Museu d'Arte Sacra, muito mais economicos ficariam os arranjos d'esse local do que a mudança e adaptação d'aquela egreja. De modo que a resolução do governo não só constituía um ataque á propriedade alheia, mas tambem e muito principalmente, vista a inexistencia d'outros motivos que a justificassem, um acintoso propósito de melindrar os católicos da cidade á custa dos dinheiros publicos.

Todavia o comicio não se realisou; fôra ele convocado para o claustro da Sé-Velha e, á hora marcada, esse pessimo recinto encheu-se quasi completamente de senhoras e estudantes da Universidade. Mas ainda a meza não estava constituída e apenas o coadjutor da Sé-Velha pronunciára meia duzia de palavras, — eis que vinte ou trinta mariolões, com facies de bandidos, dispostos a tudo, principiam a gritar, trazendo á frente um fulano Vianna, imbecil de nomeada bastante duvidosa para que a Republica lhe desse a regedoria d'um bairro e dois ou três logares rendosos, e ainda um outro fulano, chefe carbonario da terra, que já depois da Revolução atentára contra a vida d'uma pobre mulher indefeza... Pouco importou a essa gente que ali estivessem senhoras e que o local não fosse propicio ás suas poluções de canzoada faminta. Dir-se-ia mesmo que o facto lhes açulou o banditismo, por que dos insultos á religião desceram até á ofensa pessoal, maltratando as senhoras e desfor-

rando-se tanto quanto possível d'essa lei eterna, superior a todos os equalitarismos, que os sagrou a eles, ainda mesmo n'um regimen onde mandam, como havendo de ser sempre — a ralé, a vasa, o vômito das sargetas, o escarro das sociedades agónicas, a vergonha do ventre amaldiçoado que os pariu, a cambada, a canalha sem classe que os adopte, a malta sem brio, sem honra, apenas desculpavel na semi-inconsciencia em que vive, — bisaria patológica que Deus consente pra que nós nos vejamos dentro d'ela como o luar de janeiro, fulgentissimo, no fundo misterioso dos pantanos...

O certo é que, perante os insultos e aggressões da turba republicana, os assistentes abandonaram o comicio, já porque lhes cumpria pôr as senhoras a bom recato, já porque o recinto se não prestava a uma lucta onde tudo deveria esperar-se de taes adversarios e ainda porque lhes faltava uma organização de defeza sem a qual escusado será pensar-se em manifestações de protesto contra a canalhocracia dominante.

Logo após, enviaram os estudantes católicos um telegrama ao ministro do Interior noticiando o caso e exigindo do governo o cumprimento das leis constitucionaes que garantem a liberdade de reunião; e dois dias mais tarde, uma commissão, composta de pessoas da mais elevada categoria social, vinha a Lisboa expôr ao ex conselheiro Bernardino Machado os desejos da população catolica de Coimbra e protestar contra os perturbadores do comicio. Receio ser acusado de inconfidencia relatando aos meus leitores o que foi essa entrevista; direi apenas que a commissão saiu do ministerio do Interior perguntando a si propria como se podia reunir na mesma creatura tanto cynismo e tanta hipocrisia. Assim, quando o conselheiro Costa Allemão se referiu á attitude da carbonaria de Coimbra, o velho professional da delicadeza que preside ao actual ministério murmurou, docemente: — «Carbonaria, carbonaria! Toda a gente me fala em carbonaria e, afinal, foi coisa que nunca vi.» E lastimando os conflitos, que ela provocára: «Eu julgava que em Coimbra estavam todos d'acordo, como aqui...» Direi ao leitor que, na vespera, tinham sido atacadas a tiro algumas centenas de pessoas que saiam

d'uma récita de caridade, realisada no teatro do Ginásio, resultando d'este novo banditismo ferimentos mais ou menos graves, e a morte d'um pobre ex-soldado da guarda-municipal, chamado Ramiro Pinto...

Quando atrás procurei definir o valor moral dos matulões que perturbaram o comicio de Coimbra, insultando senhoras e ameaçando-as, claramente, com lançarem mão de todos os meios para conseguirem o seu fim —, abstive-me de perguntar por que motivo e sob que pretexto a sua raiva explodia, com tanta e tão estúpida fereza. E' que gente d'aquela feição não procura razões: — rouba sem ter fome e mata sem ter porquê; satisfaz uma necessidade doentia, constante e innata; já não é uma reacção sentimental: é um impulso fisiologico.

Todavia houve quem procurasse justificá-los dizendo que o protesto dos catholicos não visava apenas o caso de S. João d'Almedina mas estendia-se mais longe, feria a propria Republica, não faltando mesmo quem aduzisse, pra provar a asserção, o facto de ter ido assistir ao comicio, o auctor do «*Aqui d'El-Rei!*...»

Aceite esta justificação e aglutinada ela nas inconveniencias proferidas pelas gazetas republicanas de todos os matizes a proposito do caso de Coimbra, do conflito do Ginásio e da energica attitude de defeza com que os monarchicos começam a responder ás provocações dos defensores do regimen, hemos de chegar a esta conclusão bem consoladora para nós, afinal:—é que os monarchicos continuam a não ter, dentro da Patria Portugueza, aquelas minimas garantias com que, em todos os paizes que a rosa do sol cobre, usa proteger-se a vida, o pensamento e a actividade dos homens.

E a affirmação de que se impedem comicios catholicos por isso que no fundo d'um comicio catholico ha sempre um comicio monarchico, envolve, ao mesmo tempo, uma infamia e uma confissão preciosissima:— uma infamia porque, sejam quaes forem as convicções politicas de quem se reune, ninguem tem o direito de lhe coartar a liberdade de reunião e

de propaganda; e uma confissão preciosíssima porquanto, constituindo os católicos a enorme maioria da população portugueza, dizer que onde está um católico está um monarquico é confessar implicitamente que a Nação é monarquica, isto é, que nós temos do nosso lado uma força enorme, anciosa por demonstrar, quando liberta da tirania republicana, o seu lealismo e a sua vassalagem ao Rei descendente dos Reis.

Mas nem podia ser d'outra maneira!

Já no segundo número d'este folheto mostrei a antinomia existente entre a Republica e o Catholicismo. E' um defeito imperdoavel responsabilisar apenas o autor da Lei da Separação pelas perseguições que a Igreja tem sofrido n'estes três annos de democracia pura. O sr. Afonso Costa não é mais do que um republicano, logico e coerente; quem não fôr como ele não é republicano. Todas as leis que vieram afectar a familia na sua constituição religiosa e que magoaram as liberdades tradicionais da Igreja são fundamentalmente e fatalmente a consequencia do conceito republicano da Liberdade individual, conceito expresso, como disse, no principio da Biblia revolucionaria: — todo o homem nasce livre. Ora como o Dogma católico se opõe a este conceito democratico, os bons republicanos logicamente negam aos crentes todos os meios de propaganda religiosa, a liberdade de ensino e de congregação, por exemplo.

Mas, de facto, se amanhã o poder caisse nas mãos d'um governo transigente e se esse governo permittisse as manifestações de culto, a liberdade de ensino e desse á Igreja um certo numero de regalias, — poderiam os católicos desarmar, confiadamente, em face da Republica? Ainda que os Fontinhas, os Abundios e tantos outros renegados da verdadeira Religião e da verdadeira Democracia tivessem probabilidades de exercitar, no governo, as suas meias tintas, deveriam os católicos manter, para com o regimen, outra attitude que não fosse a de guerra sem tréguas e sem condescendencias?

Eis o problema que eu deveria tratar perante os católicos de Coimbra se me não tivessem avisado de que a Lei da Separação cautelosa-

mente punia não só o orador mas também os promotores de qualquer reunião com fins religiosos onde se abordasse a questão politica.

Entretanto, limitar-me-ei a lembrar que, dentro da Republica, estando o poder dependente da eleição e ao partido conservador devendo fatalmente succeder o partido radical, não ha obra de Religião que perdue, não ha regalias que, concedidas por aquelles, não sejam immediatamente cassadas por estes.

Como o *Gaulois* abrisse uma subscrição para a compra d'uns sinos que substituíssem, na velha egreja de Suresnes, o antigo carrilhão cujo bronze fôra fundido para a estatua de Zola,—a *Action Française*, pela pena brilhantissima de Maurras, inseria um longo artigo que, glosando o velho mote da instabilidade governativa nos regimens republicanos, terminava assim: — «O passado repete-se e repetir-se-ha. Não é licito imaginar-se uma grande differença entre o mistério do futuro e a certeza do passado. *Eles* comportar-se-hão para connosco como até aqui se têm comportado. Roubar-nos-hão tudo o que amassarmos e edificarmos sem ter sabido defendê-lo n'uma *ofensiva bem dirigida*... Em tudo e por toda a parte acontecerá como n'este caso dos sinos de Suresnes: — vinte vezes pagos e vinte vezes refundidos até que, desesperados, comprehendamos que nos é necessario levar á praça publica, não bronze, não ouro, mas ferro...»

Ferro que mate, que destrua a propria Republica para que se possa construir alguma coisa com a certeza no dia d'amanhã.

O caso de Coimbra é semelhante a este dos sinos de Suresnes. Assim dizem-me que o governo mandou suspender a ordem respeitante á secularisação da egreja de S. João d'Almedina. Mas de que serviu aos católicos esta victoria, se amanhã, guindado ao poder o partido afonsista, a secularisação da egreja será um facto? Ao passo que se a Monarquia viesse, entretanto...

7 de Abril

O conflito de Coimbra e o caso tragico do Ginásio deram-nos ensejo de avaliar quanta verdade e quanta razão continham as palavras com que o brilhante jornalista sr. Moreira d'Almeida usava responder no «Dia» aos convites de adesão feitos, de quando em quando, pelos republicanos chamados conservadores: «...sós até ao fim!...»

Com efeito, ha muito tempo que os mastins da governança não alcançavam concordar; dia a dia os ouvimos a acoimarem-se mutuamente de bandidos, de imbecis, de *souteneurs*. Eis que, derepente, o caso do Ginásio lhes demonstra estarem os monarquicos dispostos a defenderem-se energicamente contra os sustentaculos da Republica, recrutados entre os mais réles parasitas de prostibulos; e logo todos descobrem o flanco pôdre em que a mesma marca, o mesmo ferrete se decifra...

Assim o presidente do ministerio,—almocreve das pêtas, feito *petit-maitre* de diplomacia — afirma no Parlamento, com o aplauso de guelfos e gibelinos, que os monarquicos ou são snobs ou scrocs. O sr. Antonio José d'Almeida declara que, realmente, os monarquicos estão fóra das normas, sem todavia nos explicar dentro de que normas é permitido a qualquer defender-se de bandidos. E, finalmente, desilusão suprema! até aquelle Machado Santos que eu ha tres annos venho reclamando como o melhor de todos elles, escrevinha sobre o caso umas sandices desconcertantes, justificando assassinos, apodando de troca-tintas (1)

Esta insultuosa afirmação pode ler-se n'um artigo de fundo do *Intransigente*. Sendo certo que eu mantive com o Sr. Machado Santos muito intimas relações pessoaes e politicas, e acontecendo que ele conhece pãrfeitamente a minha nova attitude, visto que a primeira afirmação publica do meu monarquismo foi feita n'uma carta dirigida a S. Ex.^a, — eu tinha todos os motivos para me supôr englobado na grosseria a que aludo. Não altero,

quantos houveram a coragem de abandonar o pantano onde ele persiste em chafurdar, revelando, finalmente, uma pavorosa desorientação politica n'este momento em que, tudo se combinando para o desenganar da justiça dos homens, melhor lhe fôra apelar para a justiça da Historia, metendo-se em casa e deixando-se ficar na lembrança das pessoas honestas como um raro exemplo de coerencia e de lealdade...

Sucede, portanto, em resumo, que os republicanos, *todos os republicanos*, entendem não termos nós o direito de nos reunirmos, de afirmarmos as nossas convicções, de tomarmos chá no *Rendez-Vous*, de assistirmos a recitas de caridade no Ginásio, de vivermos, e, finalmente, de defendermos o nosso direito á vida. . . *Eles* estão todos d'acordo n'este ponto. Pois ainda bem! Talvez seja esta a melhor maneira dos monarchicos acordarem na necessidade absoluta, imediata, urgente, inadiavel, de lhes quebrar os dentes... Porque a Republica não é sómente uma cadella:—é uma cadella que morde! E mata!

8 de Abril

Continuando no mesmo pé de insolvencia a questão intérna, no seu aspecto supremo, a ordem e disciplina social, o mesmo se não poderá dizer talvez do problema internacional, no que respeita á mantença do nosso dominio ultramarino. Parece que, realmente, tudo ficou resolvido desde que o presidente do ministerio cynicamente afirmou—serem cordealissimas as nossas relações com a Alemanha e devermos todos nós acoco-

todavia, por esse facto os periodos complacentes em que me refiro ao heroe da Rotunda, já porque escolhi sempre outro campo para derimir questões pessoases, já porque me repugna acreditar que este homem se tenha lembrado de me pôr as mãos no hombro, n'uma hora em que as tinha tão sujas. .

rar, agradecidos, ante a occupação economica de Angola, feita por esta potencia, mercê do decreto chamado da porta-aberta.

Cansado e desiludido de que esta traição do governo republicano acorde no paiz um protesto que devêra abafar a lembrança do *Ultimatum*, limitar-me-ei a estabelecer perante o leitor, este contraste interessante : — ao passo que o nosso ministro dos Negocios Estrangeiros engana estupidamente o seu pais com dizer-lhe que a invasão de Angola pelas forças vivas da nação alemã representava um beneficio e uma prova de consideração para comnosco, — na França elevam-se clamores tendentes a chamar a atenção do governo de lá para o estado das colonias francezas, não acontecesse a Alemanha invadi-las sobre o pretexto de expansão economica, *como fizera nas colonias portuguezas* (sic). E, acrescentam, isso parece tanto mais para recear quanto é certo que a conquista territorial se faz hoje menos pela força das armas do que pela força dos interesses commerciaes.

Emquanto lá fóra se partilha tranquilamente o nosso partrimonio colonial, não faltando, sequer, uma forte corrente de opinião que, na Espanha, chama para o estado anarchico d'este pobre paiz, a atenção e a cobiça ambiciosa do Rei Afonso XIII, — ao passo que nas ruas se agri-de e assassina homens de bem, — os governantes entreteem-se a desnudar suas miserias, as mais intimas, aquelas mesmo que nós não temos necessidade de conhecer.

As sessões parlamentares de terça e quarta-feira são qualquer coisa de espantoso, ou antes, de espantosamente imoral, degradante. Penso até que, dentro de pouco tempo, o «Diario das Sessões» passa á categoria de leitura só para homens, indigna de servir-se nas páginas de qualquer gazeta séria . .

Na historia d'este interregno republicano prestes a terminar, a ses-

são do Congresso realisada na semana finda representa uma pagi a digna de ler-se e de comentar-se : n'ela se fizeram, graças á honesta franqueza do senador João de Freitas e ao historico desabafo do deputado João de Menezes, duas afirmações de que o Steinbroke do Eça diria serem *graves, très graves*...

Desde que a Republica existe e já antes, a gente vem tendo, do valor moral dos caudilhos, uma vaga, inquietante desconfiança. A'parte o respeito que todos votavam á honorabilidade do sr. José d'Almeida, não faltou quem, na imprensa e em todos os logares onde o ouvido escuta e os labios saboreiam, bocorejasse maldizeres sobre a vida particular, professional e politica do chefe democratico, desnudasse pixerias sexuales traz da fealdade historica do chefe unionista ou iluminurasse com narrativas ora facetas ora macabras a carreira do sr. João Chagas... E eis que de repente, na Sessão do Congresso a que me reporto, a voz do sr. Freitas se ergue para dizer ao advogado Alexandre Braga, *leader* parlamentar do partido democratico: *O sr... é um reles apache! é o mais infimo souteneur da Republica!*

Encerrou-se a sessão entre insultos e aggressões; mas não tão depressa que o deputado João de Menezes não exclamasse a plenos pulmões:

— «*E' tempo de nos convencermos de que esta Republica faliu!*»

Leitor. — tabaqueemos, scismando profundamente sobre estes sucesos da nossa vida politica.

Reeditanto aqui a frase do senador João de Freitas, não é meu intento fazer descer a tua curiosidade até aos subsólos da vida privada do sr. Alexandre Braga. Não se trata de focar, para gaudio d'uns e credito d'outros, a tristeza e o descredito d'uma creatura cujo verbo facil, brilhante e rico, tanto se comprouve outr'ora em desfibrar a imoralidade dos estadistas monarchicos a quem ninguem ousou, todavia, apodar de

souteneurs ou de *apaches*. Não é a podridão d'uma vida moral que se desnuda :

E' a podridão de todo um regimen politico.

E' a podridão parlamentar, *la pourriture parlementaire* como ha dias lhe chamou, na França, Maurice Barrés ; é a podridão republicana porque a Republica se baseia no Parlamento e a podridão só póde gerar podridão ainda que seja luminosa. . .

Não insisto, nem agora me sobeja o espaço para faze-lo, nos aspectos geraes d'esta theoria parlamentarista que ha cem annos vem correndo toda a antiga força da Nação portugueza, contra que a França está esboçando um formidavel movimento de revolta, e cujos efeitos a Inglaterra começa a sofrer só porque desde 1834 a esta parte vem substituindo á sua concepção tradicionalista, aristocratica, d'esse sistema, a concepção democratica da Revolução.

N'este momento apenas um comentario desejo fazer, deixando ao leitor o trabalho de avaliar das razões que me assistem para escrevê-lo : E' que, sendo o sr. Alexandre Braga um dos grandes esteios d'este regimen ; sendo *leader* parlamentar do grupo democratico e estando reservado a este partido um grande triumpho nas proximas eleições geraes, tudo nos leva a supôr que essa creatura voltará ao Parlamento.

Pergunto : — se nós admitissemos que o sistema electivo fosse uma verdade politica e não uma burla nojenta, como haveríamos de classificar as oito ou nove mil creaturas que hão-de, amanhã, eleger o sr. Alexandre Braga, isto é, que terão amanhã, como seu representante em Côrtes, um homem accusado de *souteneur* e de *apache* ?



Automoveis Sizaire et Naudin

(INDUSTRIA FRANCEZA)

Um torpedo completamente equipado..... 1.6858

Ressano & C.^a

RUA RODRIGUES DA FONSECA, 34 E 36

✦ LISBOA ✦

Perfumaria
Balsemão
RUA DOS RETOZEIROS, 141
— TELEPHONE N.º 2777 — LISBOA —

A aparecer em Coimbra, brevemente:

“PATRIA NOVA,”

Semanario de propaganda monarchica

A sair brevemente:

“NAÇÃO PORTUGUEZA,”

Revista de doutrinarismo monarchico

VAGO

Dirigir os pedidos de assinaturas e mais correspondencia ao autor pa.

Rua da Sociedade Pharmaceutica, — 15 2.º

